

São Paulo e seus milagres

Paulo Bomfim

Ressurge de velho álbum a fotografia de cinco adolescentes num baile de Carnaval. Ano 1940. Local, Estádio do Pacaembu, onde a baiana Sylvinha e a cigana Maria Áurea sorriem ao lado de Homero Lopes, Edgar Albuquerque Maranhão e eu, inaugurando o salão de festa da praça esportiva planejada pelo Escritório “Severo e Vilares”, que prosseguia nos rumos arquitetônicos traçados na prancheta de Ramos de Azevedo.

No novíssimo campo de esportes, nós do Liceu Nacional Rio Branco disputávamos com o Mackenzie a primeira partida de futebol sobre o gramado ainda virgem de chuteiras.

Na manhã seguinte, competimos, também com o Mackenzie, na piscina de azulejos reluzentes e balizas inaugurais.

Nas arquibancadas, nossos pais nos condecoravam com sua alegria.

As recordações de 66 anos desencadeiam surrealisticamente outras lembranças a propósito do Mackenzie.

Sim, exatamente há um século, Albertina Breton matriculava na Escola Americana que funcionava num prédio de tijolinhos na esquina da rua São João com a rua Ipiranga seu filho André.

A família permaneceria quatro anos no Brasil, onde o futuro amigo de Diego Rivera e Trotski completaria 14 anos.

Na escolinha presbiteriana que se tornaria o Mackenzie de hoje, um menino, na esquina da São João com a Ipiranga, ensaiava transformar a cidade provinciana no mundo onírico de André Breton.

São Paulo principiava a ser manifesto surrealista.



Paulo Bomfim
é poeta

Eliana e o **azar**

Joffre Nogueira Filho



Eliana é estudante de Medicina e cursa o sexto ano. Bonita, agradável e bem inserida nas práticas sociais da idade: paquera, “fica”, às vezes namora e, como todas as mulheres, sonha com o príncipe encantado.

Ricardo é um médico muito atraente e está no terceiro ano de residência em cirurgia. Alto, forte, loiro, olhos azuis, queixo quadrado, voz de timbre baixo – um pão. Um pouco tímido, o que só aumenta o seu charme.

Eliana, como todas as colegas, suspirava e ansiava pela atenção do referido príncipe. Só em sonho, pensava ela. “O pão”, com certeza, nem sabia de sua existência.

Até que um dia ele se aproximou dela e falou:

– Eliana, ouvi dizer que você se interessa por cirurgia. Quer entrar em uma comigo, depois de amanhã? Será a extração de uma tumoração, justa duodenal. Não será uma cirurgia mui-

to longa. Tenho a impressão de que o tumor está fora da alça intestinal.

– Quero sim, lógico, obrigada pelo convite – respondeu ela, alguns segundos depois, logo que lhe voltou a fala.

Acertaram detalhes. Ele até sugeriu qual capítulo ela deveria ler, para melhor acompanhar a cirurgia, etc.

Ela foi para casa flutuando. Ele sabia seu nome!!!

Certamente, já a tinha notado e perguntado sobre ela, pois se até sabia seu nome... Era o céu.

No dia programado, ela acordou mais cedo (tinha tido, pela expectativa, uma noite mais agitada). Tinha lido tudo o que podia sobre a cirurgia para impressionar o “deus loiro”. Penteou-se, passou sombra nos olhos e colocou brincos discretos, mas de bom gosto. Sabia que com a máscara ele pouco veria do seu rosto. Mas sempre um pouco daria para ser notado, e queria impressioná-lo com o que fos-

se possível, no curto espaço de tempo, antes e depois da cirurgia. Caprichou até na escolha do perfume.

Encontraram-se na entrada do centro cirúrgico e trocaram algumas palavras. Dirigiram-se para os respectivos vestiários e novamente voltaram a se encontrar na lavagem das mãos. Vestiram-se com as roupas assépticas e calçaram as luvas. Havia, além dela e do “deus”, o anestesista e uma outra acadêmica fazendo o papel de instrumentadora. A cirurgia transcorreu tranqüilamente; foi trabalhosa e detalhista, mas sem problemas. O tumor foi isolado. Era uma formação cística, bem aderida ao duodeno, mas sem comprometer a luz do órgão. Com paciência e determinação, Ricardo foi separando-o gradualmente, suturando os vasos e suturando a mucosa que recobria a alça intestinal.

Foi aí que começou o desastre. Eliana percebeu um movimento em seu

abdômen, cólicas discretas, ruídos (felizmente, inaudíveis para os demais). As cólicas aumentaram, um burburinho se formava em seu abdômen. As contrações abdominais se acentuaram. O que fazer? Pedir para sair da cirurgia por necessidade de ir ao banheiro? Nem morta. Dizer que estava passando mal por causa da cirurgia e fechar suas portas para novas cirurgias com tão lindo médico? Nunca.

As cólicas se acentuaram e se identificaram com uma necessidade de eliminar gases. Que vergonha! Que desespero! Que situação! E o que fazer? Impedir sua eliminação poderia provocar uma saída ruidosa, o que, com certeza, a mataria de vergonha, além de ser motivo de chacota de todo o hospital. Deus, anjos, demônios, quem quer que seja, me ajudem – pensava, orava, torcia e transpirava (vergonha, dor, dúvida?). Mas o intestino resolveu a situação e aumentou as cólicas de tal forma que, ou ela permitia a eliminação dos gases, ou desmaiaria de dor. Com todas as preces possíveis e o máximo de cuidados, foi permitindo uma liberação gradual. E, surpresa, não houve som (graças a Deus.). Mais corajosa, permitiu a eliminação dos gases, até a eliminação total das cólicas e do mal-estar.

Pensou:

– Graças a Deus está tudo resolvido. Ufa!!! Sofri desnecessariamente.

Aí notou que Ricardo franzi a testa. Diminuiu a velocidade das suturas e começou a olhar o campo cirúrgico com ar preocupado.

E ela perguntou:

– O que foi? Algum problema?

Ele respondeu:

– Você não está sentindo um mau cheiro? Devo ter perfurado a alça. Vamos ter de verificar.

O anestesista se aproximou por trás dela e confirmou:

– É, estou sentindo cheiro de fezes.

A instrumentadora confirmou com a cabeça.

Pronto. Novamente se instalou o pânico em Eliana. O que fazer? Confessar? Nunca. Graças a Deus que o rubor instalado no seu rosto era coberto pela máscara.

Foram alguns minutos para voltar a olhar toda a incisão, manipular as alças e pesquisar se havia alguma perfuração. E pior que as cólicas recomeçaram e Eliana começou a cogitar que talvez a melhor solução fosse fingir um desmaio. Foi agüentando. Agüentando. Agüentando. O suor já começava a porejar em sua testa. E quando estava entrando em desespero, o cirurgião se convenceu de que não havia perfuração e rapidamente fechou a ferida cirúrgica.

Retiraram as máscaras, luvas, roupas assépticas, enquanto as enfermeiras cuidavam dos curativos superficiais.

Ricardo se aproximou dela e travou uma conversa animada e cordial. Convidou-a a acompanhá-lo à sala dos médicos e esticou a conversa. Ela não estava à vontade pelo medo de que a eliminação de quaisquer gases intestinais esclarecesse o mistério da perfuração intestinal não identificada. E ela não gostaria de que a resposta para esta charada se tornasse pública.

Inventou uma desculpa e retirou-se rapidamente, procurando o banheiro do vestiário feminino. Fez suas necessidades e foi para casa absolutamente inconformada com o azar do acontecido. Somente meses depois é que foi capaz de rir do acontecimento, mas jamais se aproximou novamente do Doutor Ricardo.

Joffre Nogueira Filho
é médico endocrinologista

O Jardim de Adi

Afiz Sadi

No infinito deste mar
Perlongando as alvas praias
A sombra dos palmeirais,
Personas gratas revejo
Na alegria de viver.

No passado luta insana
Da família, um tormento.

De ADI, o matriarcado
Uniu-os com sofrimento.

Foi implacável o destino,
Com suas garras, um grilhão.

O pássaro se esvoaçou
Tranquilo ao lado de Deus.

Agora os seus descendentes,
Desmembrados da tortura,
Expõem-se em sua juventude,
Sua juventude em flor.
Nesse jardim das quimeras,
Elas todas desabrocham,
Rubras, no esplendor da flor.

26 de janeiro de 2006

À toa

Hudson Hubner França

Em Manaus,
à toa,
no meio da zona franca,
notei alguns fios brancos
em seu cabelo.
Uma ternura imensa
cresceu dentro de mim
e senti vontade de te abraçar
e beijar
como há tempo não sentia.

Mas o pudor não deixou.

Tive medo
que na parafernália eletrônica
achassem ridículo
que alguém se emocionasse tanto
por uns poucos cabelos brancos
numa cabeça
tão longamente querida...

12 de outubro de 1983

Avis rara

Ivan de Melo Araújo

— A enfermaria do professor é um ninho de casos raros!

Assim era a afirmação algo insolente e também desconsolada de cada interno e residente que passava na Clínica Médica, propalando uma intenção geral dos assistentes, que procuravam selecionar e internar casos difíceis que afluíam de todos os pontos do país e também da América Latina, por sua raridade e interesse científico.

Lógico está que, de quando em vez, aparecia um parente, ou um protegido político, ou um protegido político parente de colega, ou um colega, ou um amigo, ou um empregado, ou um cabeleireiro ou costureiro famoso, ou até o empregado de um parente do amigo recomendado por um político costureiro, que serviam para amontoar compromissos à azáfama do dia a dia dos formandos e dos verdes estagiários e residentes, atrás de sangue para transfusões, resultados de exame, dias inteiros de amostras de urina que seriam minuciosamente etiquetadas e colocadas em enormes geladeiras na sala das dosagens, testes esdrúxulos bolados pelo afamado endocrinologista, conhecido como Doutor Beleléo, com infusões hormonais e dejetórios vários sendo dosados, redosados e vertidos nas pias quase centenárias, cujas sofisticadas marcas inglesas sucumbiriam não muito silenciosamente ao fluxo do mijo genuinamente nacional...

— Endocrinologistas são os especialistas do momento! Outra avalanche de curiosos espécimes da fauna hospita-

lar, algumas vezes montados em carros de nomes estrambóticos, como Alfa Spider, em geral vestidos com elegantes paletós de linho 120-S cuidadosamente passados, suscitando palavras elegantes e sofisticadas por onde passavam, tais como *parfum*, *foulard* e *frisson* — este último por parte da arraia miúda feminina oferecida e disponível. Os cabelos cresciam cuidadosamente à nuca para despistar a calvície. Deitavam sabedorias mil e engordavam suas contas com as atarefadas tardes de consultório, na doce função calcular calorias, prescrever dietas emagrecedoras, complementadas por adequados laxantes e sutis extratos tireoidianos...

No meio deste zoo estávamos nós dois, eu, o paspalho reticentemente encolhido a um canto, e o verme, Otacílio Luz, aliás, o Pinduca, apelido herdado, segundo ele, desde a escola primária por causa da calvície precoce, à semelhança apenas física do personagem de um antiqüíssimo “gibi”, um molequinho muito ético e simpático, sem um fio de cabelo, exceto por um garrancho bem no meio do cocuruto. Pinduca, desejoso por aprender, mal começada a sua residência da assim chamada clínica geral, ou clínica médica, e cada dia mais cheio de afazeres, noites mal dormidas e demandas absurdas por exames e testes hormonais, de tudo fazia para compreender e disputar uma nesga da luz emanada pelas sumidades. Nas visitas, o professor nem sequer di-

rigia o olhar para os subalternos como nós, discutindo em elevados termos com os assistentes, atalhando a todo instante os relatos e deitando saberes estratosféricos sobre o incompreensível... osteocondrites, hidroxiprolinas e trabéculas haversianas, e nós, como se dizia então, mais por fora que dedo em tamanco e umbigo de vedete.

— Terça-feira, às sete horas, visita do professor! Tenham todas as anotações minuciosamente em ordem, os exames colados em escama de peixe ou em cascata nos prontuários, atualizados por ordem cronológica, e não vacilem em responder às perguntas que surgirem, pois elas acabarão sempre em você, soldado raso!

À simples pergunta “qual a densidade urinária?”, disparada a qualquer momento, surpreenderia o papalvo preguiçoso em atitude suspeita, incapaz de balbuciar uma resposta coerente, mas desde já encami-nhado às



fogueiras da danação! E o putto do Pinduca elaborando uma pegadinha, porque de Pinduca ele só tinha a calvície, nada da ética e da cordialidade; queria mais é aprontar!

– Leito 29, de quem é?

– Internei-o no Pronto-Socorro à noite passada, professor. Sou residente de segundo ano. Meu nome é Otacílio Luz. Trata-se de um senhor de 54 anos, funcionário de um circo mambembe que está sitiado num terreno baldio da Mooca, perto do Gasômetro...

– Interessante, interrompe o professor. Lembro-me uma ocasião de um caso de febre do feno, ou *hay fever*, que foi adquirida por um circense em contato constante com a malta de camelos, e cuja alteração respiratória requereu vários dias de corticosteróide para a cessação dos sintomas... Mas, vamos adiante!

– Pois então, professor. O senhor Botelho é encarregado do tratamento das jaulas de felinos do circo e está em contato constante com os ditos animais, pelos quais diz ter grande afeição, mantendo bem limpos os grades e remo-

vendo-lhes os excrementos cuidadosamente. Também oferece aos animais uma refeição diária constando de um grande naco de fígado de boi e algumas costelas descarnadas...

– Fascinante, atalha novamente o professor. Uma das circunstâncias clínicas mais freqüentes no contato diário com os felinos é a *Toxoplasmose*. Seria conveniente avaliar se o paciente não apresenta enfartamento dos linfáticos e se este fato se passa no convívio dos grandes felinos, concordam?

O assistente Doutor Jehuda emenda:

– Doutor Otacílio, por favor, requisi-te uma reação sorológica de Sabin Feldman para diagnóstico de infecção pelo *Toxoplasma gondii*, que, aliás, ninguém sabe ao certo se é uma bactéria grande ou um protozoário pequeno, concordam? (sucederam-se grunhidos de aprovação por parte de todos os assistentes e demais envolvidos na visita à beira do leito...) Mas, prossiga, Hercílio!

– É Otacílio, professor. Bem, o tratador informou-nos na história colhida ontem à noite no PS que o circo entrou numa fase de escassez de dinheiro, a freguesia encurtou, e que no dia de ontem a despensa ficou tão vazia que o palhaço assaltou a comida dos felinos e deu cabo de tudo, ou seja, comeu-lhes o fígado, digo, do boi, não dos felinos...

O senhor Botelho fez o que pôde para entreter os pobres animais com uma pratada de *gnocchi*, mas eles, descontentes, passaram a emitir paurosos rugidos famintos por toda a noite.

– Esta observação me faz lembrar um fato interessante a respeito da desnutrição protéica, intervém

novamente o Grande Mestre. Temos coletado interessantes resultados sobre a excreção de fosfato durante quadros de desnutrição protéica, e observamos uma intensa redução deste ao interferirmos na oferta de carnes, sejam brancas, sejam vermelhas, o que nos leva a inferir sobre o desenvolvimento da fraqueza muscular decorrente da depleção fosfática... Mas, prossiga, Virgílio!

– Otacílio, professor. Bem, na tentativa vã de acalmar os felinos acometidos de fome, o senhor Botelho aproximou-se da jaula do leão, aliás, *Felix leo*, no caso, um macho de aproximadamente 8 anos, animal bravio das savanas africanas, e, ato contínuo, este animal aplicou-lhe através das grades da jaula uma valente patada ao peito, derubando-o ao solo. Observava-se, no momento da internação, uma extensa equimose acometendo a região esternal, acompanhada de quatro escoriações extensas correspondentes à garra do animal, mas a radiografia de tórax não evidenciava qualquer lesão interessando o interior da cavidade torácica.

– Ora, Doutor Pompílio, este caso não deveria ser internado nesta enfermaria, que está reservada para os casos clínicos mais raros de investigação! Onde está o interesse científico desse caso?

– Otacílio, professor. Mas diga-me: o senhor, por acaso, alguma vez na vida, viu um caso de patada de leão?

“A controversa doença do Homem Elefante.”

Oswaldo Lacreta

“A reta é a menor distância entre dois pontos, mas a curva é mais bonita.”

F. Fellini

Os nascidos com defeitos físicos sempre influenciaram os povos, desde a mais remota antigüidade, principalmente a família, a medicina e a sociedade.

A família por determinar angústia, dor e sofrimento aos genitores, que fazem tudo para curar o filho. Para se ter idéia do efeito trágico de uma, lembremos do assassinato da família imperial russa, em 16 julho de 1916, composta de quatro filhos: Olga Tatiana, Maria, Anastacia e Aleixo, doente de hemofilia. Foi justamente esse mal a descontrolar a família que abriu caminho ao “santo” e curandeiro Rasputin, o qual logo se tornou o verdadeiro dono da Rússia depois de ter sarado, aparentemente, Aleixo. Conseguiu a amizade da czarina Fedorovna e dos membros da corte. No entanto, a nobreza, o povo e o czar passaram a temê-lo e, assim, assassinaram-no em 29 de dezembro de 1916. Seguiu-se a revolução, a queda da monarquia, a ascensão do comunismo, a Guerra Fria com os Estados Unidos, as suas duas Guerras Mundiais com a morte de 50 milhões de pessoas!

A medicina porque os médicos a estudam para desvendar-lhe as causas, a profilaxia e a cura.

Já a sociedade procura melhorar-lhe as condições de vida, fundando sociedades e instituições para angariar fundos, conseguindo até outro nome mais suave para o mal – assim, passaram a ser chamados de deficientes físicos.

Tais eventos caem a talho de foice na vida do “Homem Elefante”, remontada nestas páginas a fim de esclarecer os aspectos médicos desse personagem.

Nasceu em Lesceter, em 1862, cidade da Inglaterra, com o nome de Joseph Carey Merrick. Filho de Merry Jane, aleijada por atropelamento, professora em colégio de religiosos, e de James Merrick, ferroviário.

Desde o segundo ano de existência, apareceram-lhe tumores na face e no corpo, em forma de bulbos irregulares, quais couve-flor, bem como semi-paralisia no braço direito. Morreu a mãe e o pai casou-se de novo. A madrasta começou a ter aversão pelo entiado, devido ao aspecto repelente, fato que jamais ocorreria com a mãe verdadeira. A perversa mulher dizia ao novo marido: ou Joseph, ou eu. Conseqüentemente, o infeliz foi abandonado.

Trabalhou em uma fábrica pouco tempo. Foi despedido. Iniciou-se, então, sua odisséia. As mulheres o repeliam; foi objeto de zombarias pelos garotos. Mancava pelas ruas da capital inglesa. Escondia a cabeça com trapos a fim de mascarar a dismorfia facial. Tudo o que ocorria em Londres (roubos, assaltos, incêndios e crimes), na época, a cidade mais sórdida da Europa, era ele o principal suspeito e, logo, procurado pela polícia. Passou a ser mostrado em feiras e explorado por um desconhecido Mayer para poder viver.

Nessas penosas exibições, foi notado pelo médico Doutor Frederick Treves, o qual, condoído de seu aspecto físico, comprou-o de Mayer e levou-o ao Hospital de Londres para estudá-lo. Treves verificou estar ele bastante desnutrido e com bronquite. Constatou o bondoso esculápio ser a cabeça de Merrick grande e pesada, com a região occipital bastante saliente. A fronte tinha três projeções ovóides: uma mediana da raiz da implantação dos cabelos e duas laterais, correspondentes às arcadas supraciliares. A boca sempre aberta dificultava-lhe o falar: era torta, com a rima bucal direita mais baixa que a esquerda. O membro superior direito estava atrofiado com discreta preservação dos movimentos. Dormia assentado, apoiado em travesseiros, a fim de mitigar o peso e o volume da cabeça. Para surpresa de Treves, o examinado sabia ler e escrever. Além disso, tinha boa memória, tanto que, certa vez, foi surpreendido recitando passagens da Bíblia, embora estivesse deprimido. Era educado e simples, suscitando a atenção da esposa de Treves. A inteligência de Merrick foi confirmada pelo fato de ele ter reproduzido, em cartolina, apesar de o braço direito ser insuficiente, o prédio da catedral de São Felipe que ele via da janela do quarto de dormir! Para aumentar-lhe a dignidade, e por recomendação de Treves, foi visitado pelo príncipe de Gales e pela princesa Ales-

sandra, dos quais recebeu livros e presentes e, assim, passou a compreender a generosidade humana que tanto lhe faltara. Vestia casaca, freqüentava teatros e hipódromos, em companhia de Treves e da esposa. Prosseguiu-lhe a atribulada vida até abril de 1890 e, com apenas 28 anos, foi encontrado morto no leito logo ao amanhecer. Qual a doença desse personagem tão dramático?

Pensou-se, inicialmente, que ele sofria de elefantíase, moléstia tropical que afeta o sistema linfático; depois, julgou-se ter ele forma grave da doença genética de Recklinghausen, patologia rara caracterizada por várias alterações anatómicas, tais como: gliofibromatose, neurofibromatose, neurogliomatose, polifibromatose e pigmentose neurocutânea, a provocar crescimento incontido e desordenado das células, formando tumores grandes e disformes, conforme os existentes no “Homem Elefante”. Frederico Daniel Recklinghausen (1883-1910), médico alemão, foi o descobridor desse mal.

Alguns radiologistas do Hospital Real, em Londres, onde se encontram os ossos de Merrick, provaram que ele não sofria dessa doença genética. Foi do mesmo parecer o corpo clínico do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos. A radiologista Amita Sharma verificou não ser a coluna vertebral de Merrick tão curva quanto como ocorre na neurofibromatose: suas costelas não apresentavam as reentrâncias desse morbo. O desmesurado crescimento do frontal e a conformação viçosa do lado direito do corpo não se ajustavam à doença de Recklinghausen.

Outra doença raríssima, não genética, foi individuada. Esta determina a multiplicação de ossos e tecido, sendo chamada de síndrome de Proteu. Proteus, “deus marinho”, filho de Netuno, do qual herdou o dom da profecia, recusava-se a responder perguntas,

e, para escapar aos que o perseguíam, mudava a forma do rosto a seu talento. Essa lenda está nas *Geórgicas*, poema de Virgílio (37-80 a.C.).

Vê-se, pela breve exposição, serem o crescimento do osso frontal de Merrick e a paralisia do lado direito do corpo compatíveis com a síndrome de Proteu. Futuros exames de RNA poderão determinar a verdadeira gênese do mal do inestético “Homem Elefante”.

O tratamento é a cirurgia, por ressecção dos tumores das partes moles e remoção parcial das regiões hipertrofiadas. Levar-se-á em conta o lado psíquico do paciente para melhorar-lhe a qualidade da existência, conforme atuou o Doutor Treves, verdadeiro discípulo de Hipócrates!

Eis o tormento desse inusitado personagem, vilmente tratado. Consolemo-nos a seu respeito com as vicejantes palavras de Vieira:

“Vede o que faz em uma pedra a arte: arranca o estatuário um pedaço das montanhas, tosco, duro, bruto, informe, e, depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel e, começa a formar um homem: primeiro membro a membro, depois feição por nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe as vestes: aqui desprega, ali arruga, acolá recama e configura homem perfeito e talvez um santo que se pode pôr no altar.”

Lembremos que o resto do mármore de Carrara em que, há 500 anos, Miguel Ângelo entalhou Moisés, ainda se encontra conservado como relíquia e é admirado por todos os turistas daquela famosa cidade.

Mulher-água

Ivana Maria França de Negri

São tantas as águas
suadas, choradas
mornas, salgadas,
frias, adocicadas
Todas sagradas.

Águas amnióticas
envolvendo a semente
alimentando a vida
ainda dormente.

Águas-lágrimas
de dor, de alegria
de pura emoção
Rios brotados
direto do coração.

Águas rubras
espessas, grumosas
pacto de sangue
a fluir todo mês.

Águas doces
leitosas, branquinhas
brotando dos seios
pingando macias
em ávidas boquinhas.

Águas porejadas
destiladas, salgadas
suores voláteis
da lida diária.

Mulher-cachoeira
Mulher-oceano
vertendo rios, lagos, mares
Águas de sedução
jorrando amor
Mulher-água
fonte da vida!



Oswaldo Lacreta
é médico aposentado

Munir Curi

Sua imagem, sua escolha

Guido Arturo Palomba

Com o título *Sua imagem, sua escolha*, Munir Curi, um dos grandes cirurgiões plásticos do Brasil, e de reconhecimento internacional, lançou, recentemente, nova obra sobre Cirurgia Plástica e Medicina Estética.

Munir, desde os bancos da faculdade, dedica-se à cirurgia, tendo feito residência em Cirurgia Plástica na USP, apresentando tese de doutorado em Cirurgia Geral (serviço do Professor Edmundo Vasconcelos, “Bisturi de Ouro”, uma das glórias da cirurgia nacional). A seguir, estagiou, durante um ano, na New York University.

De volta ao Brasil, passou a operar ininterruptamente, e hoje, com milhares de casos consagrados, tem o reconhecimento pleno de seus pares. É membro titular e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e membro titular da Academia de Medicina de São Paulo.

Escreveu vários trabalhos e livros, destacando-se, entre eles: *Atualização em cirurgia plástica* (Robe Editorial, 1996); *Anais da Jornada Paulista de Cirurgia Plástica* (Robe Editorial, 1993); *Magos da beleza: conceitos e visões de nove cirurgiões plásticos brasileiros* (Carlos Roque Editor, 1999).

Neste seu último livro, *Sua imagem, sua escolha*, Munir expõe, de modo muito claro e adequado, conhecimentos clínicos e cirúrgicos sobre o exercício da Cirurgia Plástica, escrito para o público em geral, cuja leitura incrementa o conhecimento das pessoas

que desejam se submeter a uma cirurgia. Quando procurar um cirurgião plástico para corrigir um defeito que incomoda, as contra-indicações da cirurgia, os riscos, a anestesia, o uso de próteses são alguns temas tratados com muita leveza e estilo.

Munir Curi nasceu para operar e, nos centros cirúrgicos, realiza-se existencialmente. Diz, com propriedade: “A Cirurgia Plástica é uma profissão humanista, que corrige os vários distormentos humanos, que tanto interferem no convívio social, e valoriza a relação médico-paciente mais que qualquer outra especialidade. Nós cirurgiões plásticos, pertencemos a um clã que tem nas mãos o dom de transformar em ouro o metal nem sempre nobre em que são forjados alguns dos nossos semelhantes”.

É importante ressaltar que a Cirurgia Plástica brasileira é uma das mais conceituadas do mundo, a segunda em número de cirurgias realizadas (em primeiro lugar estão os Estados Unidos), e, com certeza, a primeira em contribuição às novas técnicas cirúrgicas, lembrando que se deve a Munir Curi, entre outras conquistas, a inovadora técnica para tratamento da calvície, que popularmente ficou conhecida como “fio a fio”. Foi uma grande revolução em tudo o que se fazia até então. Hoje, praticamente, tornou-se procedimento modelo, realizado nos mais renomados centros de estética do mundo.

A técnica refinada, o dom para a cirurgia, o elevado senso estético, aliados à experiência ao longo de décadas de prática ininterrupta do mister, fazem que Munir Curi ocupe lugar de destaque entre os grandes cirurgiões plásticos brasileiros, na merecida plêiade de mestres que obtêm com os seus bisturis resultados cada vez mais naturais, dando ao paciente, pelo acerto estético entre a imagem e a auto-imagem, excelente ganho psicológico, que vem por acréscimo.

Parabéns, Munir Curi. *Sua imagem, sua escolha* ficará para a literatura médica como um guia de excelência aos nossos colegas e aos que têm no belo um saudável ideário.



Guido Arturo Palomba
é vice-presidente
da Academia de Medicina
de São Paulo

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.